

Amêijoas à Bulhão Gato

Sempre (mas sempre, Deus é testemunha) venerei mais os gatos do que um faraó do Egipto. Habituei-me a essa consideração desde o Largo de Arroios da minha infância que no Verão se cobria de bêbedos a ressonar à sombra das palmeiras e tinha gatos de telhado a velarem por eles a toda a volta. Foi nesse tempo que a dona Lucinda do quarto andar me deu as primeiras noções das sete vidas dos felinos de companhia e de como eles as sabiam esconder.

Dona Lucinda (ou Ulcinda, nunca percebi) vivia com um gato maltês cheio de ronha para disfarçar a idade e ainda por cima noctívago. No melhor dos sonhos o luar acendia-o todo por dentro e aí ia ele num clarão de bruxaria, a caminho da assembleia das gatas libertinas, reunidas nos telhados à espera da hora do cio.

“Esta noite chegou-me a casa às cinco da manhã”, queixava-se a dona Ulcinda (ou Lucinda, sei lá bem) de dedo apontado para o bicho.

Mas onde há gato há mistério. E há gatos que nem a gente sonha. Gatos sem cauda na ilha de Man, gatos vermelhos na Sibéria e quem gosta de viajar nos manuais encontrará, a páginas tantas, outros também vermelhos mas de reflexos azuis ao longo do cabo da Boa Esperança.

Por cá há muito gato maltês que, entre outras singularidades, toca piano e fala francês. Daí a dona Ulcinda ou lá como ela se chamava confessar que, ao cabo de tantos anos de vida em comum, nunca chegara a conhecer todos os quês do valdevinos do seu bichano.

Só muito mais tarde, já eu homem e ela na quinta das tabuletas a gozar a sombra dos ciprestes, lhe dei inteira razão porque li o “Old Possum’s Book of Pratical Cats” do sr. Eliot. E estes gatos, verdade se diga, são de se lhes tirar o chapéu: sobem ao céu na vertical, irradiando luz dos honestíssimos bigodes.

Ele, o sr. Eliot, fala-nos de um gato Mistoffelees que é funâmbulo e prestidigitador. Que sabe tirar uma carta do baralho e sete galinhas dum chapéu. Oh, como é eloquente este mágico de salão. Como é divertida a tribo dos gatos Jellicle, que “são ‘roly-poly’ e dançam na perfeição uma ‘gavotte’”.

Digo e repito: com malta desta é que me dou

bem. Por isso, muito por isso, é que eu e o Luís de Sttau Monteiro descobrimos o restaurante Severa, do Bairro Alto, onde à noite se cantava o fado e onde havia um gatarrão que, sempre que o convidavam, comia amêijoas à Bulhão Pato, sentado à mesa dos clientes.

Gato “gourmet”, dizia o patrão da casa, sr. Barros. Com que subtileza ele usava as unhas para abrir as conchas dos bivalves e como em dentadas secas lhes arrancava a polpa saborosa. E a cauda, a maneira como ele descaía a cauda para fora da cadeira, refastelado. Ah, se lhe pendurassem um guardanapo à coleira, um bom guardanapo de linho, não tenham dúvida: ficaria mais burguês do que um gato de domingo do Rafael Bordalo Pinheiro.

Mas, em matéria de arte, era para o poeta Bulhão Pato que a alma do gatarrão se inclinava por causa das amêijoas em suavíssimos temperos.

De tal modo que eu e o Sttau passámos a chamar-lhe Bulhão e pouco depois Bulhões, Gato Bulhões.

Convidámo-lo, que eu me lembro, duas vezes para a nossa mesa e ele, deleitado, comprou-me às amêijoas da sua predilecção. Mas não se pronunciou (talvez por saber do nome que lhe tínhamos posto) e o Sttau Monteiro que recitava em inglês directo todos os versos felinos do Pussy Eliot segredou-me à meia boca que “Com os gatos, dizem alguns, uma regra é verdadeira: Não lhes faleis enquanto eles não te falarem”, e assim o deixámos.

De quando em quando passávamos pelo restaurante e lá estava ele em cima duma cadeira, enrolado no sono ou a rezar bem-aventuranças ao Bulhão Pato. “O repouso digestivo da gastronomia daquele felino/ Nunca deve ser perturbado”, tinha ordenado o mestre Eliot.

Mas foi. Alguém contou que enlouqueceu a miar fados à guitarra nos ensaios dos artistas. Que lhe murcharam os bigodes da dignidade. Que numa indigestão de amêijoas engoliu uma pérola que o sufocou até à morte.

Uma pérola numa amêijoas? Um olho do Bulhão Pato, talvez.

Talvez, mas nunca se sabe. Com um gato nunca se sabe.



José Cardoso Pires